

#### IV. MUSEUS HOJE PARA O AMANHÃ<sup>4</sup>

O tema deste ensaio nos conduz, de imediato, à reflexão sobre a problemática museológica em quatro direções, a saber:

- patrimônio musealizado: aqueles que foram lembrados ou o universo dos esquecidos.
- responsabilidade profissional: a formação e a convivência interdisciplinar.
- processo museológico: a salvaguarda e a comunicação dos objetos, coleções e acervo.
- novas tecnologias: os museus e a resistência ou convivência com a imagem virtual.

É possível afirmar que estes temas têm figurado na pauta das nossas discussões, nas últimas décadas, de forma contundente e os profissionais de museu não podem desconhecer as múltiplas abordagens que eles permitem ou as implicações sociais e políticas que sempre estão presentes em nosso cotidiano de trabalho.

Sabemos que os museus existem no mundo inteiro há muitos séculos e, apesar de assumirem múltiplas faces, é possível identificar pontos de encontro e semelhanças entre os diferentes processos museológicos.

Apesar dos preconceitos existentes que vinculam essas instituições com as coisas “velhas” e “sem vida”, há também um grande questionamento sobre o papel real que podem desempenhar no âmbito das sociedades onde estão inseridas.

Os museus chegaram até este século como os grandes repositórios de coleções ecléticas, como centros de saber e, evidentemente, como locais privilegiados e sacralizados. Esta conjuntura de características que tem raízes muito fortes no renascimento, nas viagens das grandes descobertas, nas reflexões do

---

<sup>4</sup> Este ensaio, com algumas alterações, corresponde ao texto apresentado na mesa-redonda que discutiu o mesmo tema, no âmbito da Conferência Latino Americana de Museus, realizada em São Paulo (Brasil), 1996.

iluminismo, encontrou um grande eco nos diferentes processos de colonização que a Europa legou ao mundo, como também em uma burguesia econômica em ascensão nos últimos séculos. Desta forma, construíram grandes impérios de cultura material, de objetos, de vestígios e de signos.

Em função disto ocuparam grandes edifícios, às vezes palácios e, naturalmente, sobreviveram em função da aplicação de enormes somas de dinheiro e de muito esforço de inúmeras gerações de profissionais.

Os museus também foram utilizados como plataforma política para as mais diferentes correntes ideológicas.

Entretanto, este século mexeu com estas instituições, pois até então os museus pautaram sua atuação pela necessidade imperiosa de coletar compulsivamente e de estudar, conservar e organizar fragmentos da natureza e do universo material elaborado pelo homem.

A lenta e gradual transformação que este modelo de instituição preservacionista vem sofrendo está, inexoravelmente, subordinada às próprias mudanças de compreensão das sociedades sobre os seus fenômenos culturais.

A noção de patrimônio tem sido alvo de tantos questionamentos que nos dias de hoje é impossível imaginar que o processo de preservação não leve em conta os problemas ambientais, a diversidade sócio-econômico-cultural, a própria ingerência da comunidade sobre o que deve ser preservado, a inserção de novas tecnologias e a visão global sobre os usos e costumes das sociedades.

Se nas primeiras décadas deste século essas instituições já eram vistas como respeitáveis centros de ciências e artes, sabemos que as décadas seguintes impuseram outros desafios.

Os museus tiveram que encontrar um caminho próprio para contribuir com a educação, procuram diversos meios de aproximação com as diferentes camadas das sociedades, como por exemplo atuar fora de seus muros, reorganizar e dividir suas coleções, avaliar seus processos de trabalhos. Experimentaram, também, inúmeras formas de organização administrativa.

Representam, há séculos, o espaço institucionalizado onde é possível construir o passado, organizar o conhecimento e articular facetas da memória individual e/ou coletiva. Embora o senso comum e mesmo alguns círculos acadêmicos identifiquem, ainda, que museu não combina com modernidade, progresso e desenvolvimento, existem uma enorme bibliografia e centenas de experiências museais no mundo inteiro que comprovam o contrário e justificam a razão dos poderes públicos e da iniciativa privada continuarem patrocinando essas instituições.

Tendo sua origem conceitual marcada pelo colecionismo e sua forma registrada em gabinetes de curiosidades, galerias de artes e centros de ciências, este modelo de instituição que chegou até nós, representa uma das possibilidades de tratamento da herança patrimonial.

Ao lado de seu evidente compromisso com a preservação, o museu deve ser pensado e realizado como um canal de comunicação, capaz de transformar o objeto testemunho em objeto diálogo, permitindo a comunicação do que é preservado. Às antigas responsabilidades de coletar, estudar, guardar o patrimônio, outras exigências se impuseram.

A preservação da herança cultural passou a exigir outros mecanismos de transmissão, na tentativa de interagir com uma sociedade que convive com o objeto descartável, com o desequilíbrio ecológico e com inúmeros estímulos visuais muito potentes e com dinâmicas variadas.

Ao preservar os registros materiais da experiência humana, os museus têm contribuído para o rompimento das idéias que submetem os homens aos limites da transitoriedade temporal e aos constrangimentos das delimitações geográficas.

Através dos objetos, coleções e acervos estas instituições têm assumido a responsabilidade em relação à proteção das referências culturais e, mediante inúmeros procedimentos ao longo de tempo, estabeleceram critérios para organização, estudo, guarda e comunicação dos signos indicadores da memória. Estes

procedimentos, por sua vez, têm valorizado de forma singular, os objetos e artefatos no âmbito das distintas sociedades.

É possível afirmar que as instituições museológicas têm grande relevância para a história da pesquisa de diversas áreas de conhecimento e, da mesma forma, têm colaborado para a aproximação entre diferentes grupos humanos, ao apresentar, por meio das exposições, as formas que estes grupos têm encontrado para a convivência, para a transformação dos recursos naturais e interpretações de suas práticas culturais.

Refletir sobre os museus e suas distintas inserções sociais significa, também, tocar nas questões que são esquecidas, no imenso universo dos valores que são excluídos, na partilha dos sentidos e significados e na eficácia da amnésia cultural. Nestes momentos não se pode deixar de considerar que, durante muito tempo, os museus atuaram a partir de olhares elitistas, voltados para as elites sócio-econômicas, criando acervos a partir de saques, espoliações e impedindo a emergência das contradições.

Se é verdade que há alguns séculos essas instituições se preocupam com a educação de seu público, utilizando o objeto como instrumento de apreciação e aprendizagem, também é verdade que amplos segmentos da população economicamente desfavorecida permanecem até hoje alijados deste processo.

Ao longo destes mesmos séculos os museus desenvolveram e aperfeiçoaram toda uma metodologia de trabalho, definindo os diferentes momentos do trato curatorial dos objetos: coleta, conservação, documentação, exposição e ação educativa. Diferentes procedimentos que hoje atingem alto grau de complexidade, exigindo profissionais com formações específicas, impondo o trabalho interdisciplinar e solicitando dos museus uma organização processual. Estes mesmos procedimentos determinaram uma valorização destes objetos, evidenciando assim a importância do universo material para o conhecimento (e domínio) das culturas e de suas relações com o meio natural.

Historicamente, entretanto, essa valorização tem uma outra face, na medida em que tem ignorado imensas parcelas da produção humana.

Se na gênese da constituição dos museus modernos, no final do século XVII, podemos identificar o ideal iluminista de propriedade pública do patrimônio cultural, também podemos afirmar que o exacerbamento da ação preservacionista tem revigorado o sentido de propriedade individual sobre o bem cultural. A idéia de posse, herdada do colecionismo, encontra ainda hoje, espaço fértil para seu exercício, confundindo muitas vezes as esferas públicas e privadas.

Os museus, nas últimas décadas, têm desempenhado um papel relevante e específico no campo da democratização da cultura, rompendo as barreiras dos seus espaços tradicionais, procurando novos públicos e criando exposições que incorporam linguagens mistas. Não faltam, entretanto, os equívocos nesta área como, por exemplo, a priorização de eventos efêmeros, ou a supremacia de novas tecnologias em detrimento do trabalho com o acervo.

Falar sobre **Museus Hoje para o Amanhã**, em uma perspectiva latino americana, significa lembrar que houve um momento em que as nossas “coisas”, os nossos objetos, os nossos animais, enfim, a nossa realidade ambiental e cultural representaram a possibilidade da Europa conhecer outras formas de humanidade.

Quando éramos Novo Mundo, despertamos o encantamento e contribuimos de forma decisiva para a constituição dos grandes museus e para o desenvolvimento de muitas áreas de conhecimento.

Considero que é possível afirmar que a América Latina tem dado uma grande contribuição ao pensamento museológico internacional. Outros exemplos desta influência podem ser identificados, no perfil dos Museus Nacionais de História, nos Museus Comunitários voltados para as etnias nativas, ou mesmo, na especificidade dos cursos de formação. Penso, também, que a nossa particular forma questionadora, de enfrentar a realidade profissional, tem dado às reuniões sobre museus uma dinâmica muito própria.

Os museus brasileiros, com quase dois séculos de experiências acumuladas, enfrentam os impasses e controvérsias que

têm marcado estas instituições em diversas partes do mundo. A difícil tarefa de encontrar um caminho institucional entre preservação e desenvolvimento, posse e exclusão, expert e sociedade de consumo, objeto descartável e colecionismo, entre tantos outros antagonismos, marca a preocupação dos profissionais que têm sob sua responsabilidade a organização e gerenciamento dos espaços museológicos.

Entretanto, estamos conscientes de que o perfil sócio-cultural brasileiro impõe outras variáveis para este complexo panorama. Ao mesmo tempo em que o cotidiano de alguns museus é norteado pela polêmica inserção das novas tecnologias, mediando a relação entre o homem e suas referências patrimoniais, muitos procuram maior eficiência no contato com o público, implementando a avaliação sistemática, ou tentam romper as barreiras seculares dos espaços restritos que têm aprisionado as sectárias coleções. Constatase, também, que um número relevante de instituições atua à margem dos princípios museológicos, e que muitos aspectos da cultura brasileira ainda não foram alvo de musealização. A dramática insegurança dos profissionais dos corpos técnicos dos museus brasileiros e sua recorrente instabilidade institucional, constituem-se em agravantes, em nada negligenciáveis, para qualquer análise sobre este tema.

Estas instituições que desde o início cuidam da ciências e da arte, do regional e do popular, polarizando em esferas distintas a complexa realidade brasileira, são herdeiras diretas, por um lado, dos reiterados olhares estrangeiros e colonizadores e, por outro, despontam como ícones do progresso nacional, da cultura multifacetada e dos estímulos à auto-determinação da sociedade.

Os museus brasileiros têm contribuído para melhor compreensão deste universo caleidoscópico que envolve o “meio” e a “raça” deste território e desta nação; serviram em alguns momentos como expressão de um projeto nacional; e tem demonstrado a multiplicidade de formas e cores que está na base dos distintos processos criativos que aproximam e misturam as influências nativas, africanas e européias. Cabe destacar, ainda, que os museus deste país,

nos têm ajudado a compreender como somos, a conhecer a ciência que produzimos e a arte que elaboramos. Da mesma forma, estas instituições registram as nossas fronteiras geográficas, sinalizam em direção à contribuição dos imigrantes e nos permitem conhecer a longevidade dos nossos povos.

Sabemos, também, que estas instituições estão, ainda, longe de harmonizar o Brasil Indígena com o Brasil Colonizado, o campo com a cidade, o erudito com o popular, o norte com o sul, o público com o privado.

Entretanto, os museus brasileiros ainda representam um universo a ser conhecido, pois é realmente impressionante a diferenciação existente de norte a sul deste país. Temos, com certeza, museus em tempos diferentes.

É com imensa satisfação que constatamos o desenvolvimento de algumas iniciativas que têm desvelado a historicidade dos processos museais, por meio de teses e artigos, que têm aproximado os profissionais no âmbito de associações e cursos de formação e que têm impulsionado o estabelecimento de processos museológicos nas escolas, empresas e pequenas comunidades.

Esses esforços, de origem e natureza distintas, têm demonstrado a existência de inúmeros heróis anônimos, que permeiam a história dos museus, são responsáveis pela constatação da relevante função social que estas instituições podem desempenhar em um país em desenvolvimento e, sobretudo, deve ser ressaltado que, em uma sociedade de consumo, como aquela em que vivemos, os museus se constituem em um segmento de mercado importante, seja enquanto consumidores de uma imensa série de produtos, equipamentos e serviços, seja enquanto criadores de estímulos para o turismo cultural.

Apesar de todos os problemas e descaminhos, os processos museais brasileiros não podem ser desprezados por aqueles que falam em preservação, desenvolvimento sustentável, globalização cultural e excluídos sociais. Para cada uma destas esferas, comuns aos dilemas contemporâneos, os museus têm implicações e responsabilidades muito definidas. Equilibrando-se, muitas vezes, entre os compromissos com a salvaguarda e comunicação das referências

patrimoniais, as instituições museológicas podem colaborar com a difícil tarefa de explicar o Brasil. E, ao explicar como somos, nos ajudem a entender e respeitar os que são diferentes.

Neste momento, em que a América Latina não desperta mais o mesmo encantamento, mas é vista como rota de tráfico de drogas ou como entreposto comercial, e o Brasil continua sendo visto como um país do futuro e nunca do presente, penso que é fundamental um olhar para nossas entranhas. Mesmo que este olhar revele uma imagem desagradável, contraditória e asfixiante. Os museus podem ajudar nesta visibilidade da nossa alma.

Para isso, e retornando as questões iniciais, gostaria de reiterar que precisamos lembrar do universo dos esquecidos, garantir a formação profissional e o respeito aos trabalhadores de museus, não abandonar os objetos e desconfiar das novas tecnologias. Estas devem ser utilizadas no sentido de agilizar o acesso à informação sob a responsabilidade das instituições, pois é possível compreender a importância destes recursos para democratização dos museus, mas não podemos negligenciar que as novas tecnologias também fazem emergir uma outra face do imperialismo.

Finalmente, gostaria de registrar que, conduzir os museus para o amanhã significa valorizar o seu potencial educativo, não se deixar trair pelos ventos de modernidade que menosprezam o nosso complexo processo histórico e entender que a grande força cultural da realidade brasileira está na compreensão de que a nossa identidade é justamente o reconhecimento e a convivência com a diversidade.